

GT 6 – Livre

O BIBLIOTECÁRIO E A REPRODUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS EM DESENHOS ANIMADOS

Paulo Roberto Nascimento – UFMA*
paulo27books@gmail.com

Lia Margarida Ferreira – UFMA*
aihlmargarida@hotmail.com

Karlliana Maciel Cavalcanti – UFMA*
karlliana@yahoo.com.br

Maria Mary Ferreira – UFMA**
mmulher13@hotmail.com

RESUMO

As relações estabelecidas entre os bibliotecários e a sociedade inferem diretamente na relação que será instituída entre os usuários de uma unidade de informação e o profissional da informação supracitado, assim levando esse profissional a obter uma imagem e representatividade definida no consciente da população. Tendo em vista que o imaginário popular confere um revés deturpado no que se refere ao real papel do bibliotecário. Neste estudo buscamos analisar acerca da reprodução dos estereótipos conferidos a esses profissionais em desenhos animados. O estudo foi realizado através da análise de dois desenhos animados, o longa metragem “Universidade monstro” e um episódio da animação “Kick Buttowski: Um Projeto de Dublê”, ambos pertencentes a empresa de grande divulgação em massa The Walt Disney Company. Refletir sobre a construção feita em torno da preconcepção do

fazer do bibliotecário e suas características, e como podem estagnar o perfil do profissional e impactar negativamente no viés social da profissão do bibliotecário. A pesquisa caracteriza-se como revisão de literatura, abordando diversos pontos de vista de alguns autores. Conclui-se que o bibliotecário necessita empenhar-se no trabalho de desmistificação de sua imagem perante a sociedade e especialmente no imaginário construído na formação pedagógica das crianças que absorvem informações errôneas e reproduzem a visão estereotipada deste profissional.

Palavras-Chave: Bibliotecário. Estereótipos. Imagem. Representação social. Desenhos animados.

1 INTRODUÇÃO

A imagem e a representação do bibliotecário relacionado com o seu saber/fazer, vem sendo alvo de análise há

* Graduandos do Curso de Biblioteconomia e integrante do PET/Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão

** Professora Doutora do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão. Tutora do PET/Biblioteconomia.

muitos anos com a finalidade de esclarecer algumas metáforas e entender as raízes que ramificam os estereótipos perpetuados, tecendo uma relação com a prática deste profissional. Não existe apenas uma ou duas características que direcionam o pensamento de uma pessoa quando questionado sobre o conceito de um objeto, obviamente relacionamos isso a volatilidade das experiências com o objeto e ao contexto sociocultural que esta se encontra. Fatores como a variação de lócus de trabalho, que requer diferentes tipos de atuação, determinam e influenciam o processo de inferência sobre o objeto bibliotecário, não podemos deixar de relacionar a carga histórica de sua profissão, carregada de características que remontam a criação das primeiras bibliotecas e definições como guardiões de livros que sustentam a construção de estereótipos.

A própria formação do bibliotecário, baseado no paradigma acervo num passado recente, pode ter contribuído para a construção desse estereótipo. Isso porque, até a década de 80, o bibliotecário contava com uma formação altamente tecnicista, em que, levada à prática, concorria para maiores preocupações centradas na organização, guarda e preservação do acervo; características estas muito salientes no seu perfil atual (FRAGA; MATTOS; CASSA, 2008, p. 5).

Na atualidade sabemos que com o advento tecnológico e um mercado eletrônico pulsante no qual cada dia se desenvolve novos dispositivos e aparelhos digitais, a informação é dinâmica e se transforma rapidamente; com ela o bibliotecário adquiriu novas e distintas características, porém a velha imagem da senhora de elevada idade, óculos escuros e coque de cabelos continua vigente no imaginário de grande parte da população, especialmente entre a parcela que é menos ativa e frequentadora das grandes unidades de informação, como as bibliotecas públicas e universitárias.

No Brasil, assim como na maioria dos países latino americanos onde a educação é conhecidamente deficiente para a grande

massa, percebemos a inversão de valores que se estabelece quanto à fonte de informação, principalmente se considerarmos que o maior veiculador de informação ainda é a televisão, que tem sido um dos canais responsáveis por propagar estereótipos e reforçar preconceitos, veja a situação dos negros e dos nordestinos veiculados em grande parte das novelas da maior Televisão da América Latina: a Rede Globo de Televisão. Os canais de comunicação, com raras exceções, veiculam estereótipos e concepções, reproduzindo conteúdos através em sequências lógicas de efeitos visuais e sonoros que são absorvidos pelo público de forma mais fluída quando em comparação a leitura de um jornal ou livro. Para Milanesi (2002, p. 43) “nos países, como os da América Latina, com nível de escolaridade baixo, a implantação de redes de televisão provocou um forte contraste entre a sofisticação do meio e as condições socioculturais”. O estereótipo assim se mostra como efeito colateral ocasionado por variáveis como os meios intelectuais, sociais, relação de poder e identidade profissional. Partindo destas relações explicitadas entre a TV e os estereótipos dos bibliotecários, este artigo discorrerá sobre a influência dos dispositivos midiáticos, especificamente dos desenhos animados, o longa metragem “Universidade monstro” e a animação “Kick Buttowski: Um Projeto de Dublê”, ambos pertencentes a The Walt Disney Company, como recurso de linguagem que participa ativamente da formação de seus receptores.

2 TRAÇOS DE IMAGEM E REPRESENTAÇÃO NO ESTEREÓTIPO DE UM PERFIL PROFISSIONAL

Compreender e conhecer os papéis exercidos pelas pessoas que compõem a sociedade é fundamental para determinarmos a organização que se estabelece entre os indivíduos, sua convivência e agrupamentos. Parando para analisar, nos damos conta de que os papéis desempenhados por profissionais parece algo muito bem definido aos olhos da população e de acordo com suas respectivas práticas. Porém, alguns

profissionais como o bibliotecário têm como características de sua profissão o ocultamento de seu ofício e valor social perante a mesma, e a parcela populacional que de fato sabe da existência desse profissional atribui ao mesmo, traços que não representam sua função social e profissional. Para compreendermos a imagem e a representação creditada a um profissional devemos inicialmente nos apoiar acerca das categorias de análises que explicam os sentidos de imagem e representação. Assim, de acordo com Moscovici (2003 apud Nitschke, 2008) “representações são visões, imagens, percepções que um indivíduo ou grupo tem sobre um determinado objeto ou realidade. As percepções são respostas ao estímulo do ambiente.” Percebemos que a imagem do profissional bibliotecário em questão está ligada então diretamente ao ambiente ao qual é instantaneamente vinculada, a biblioteca e suas variações na atuação das suas práticas profissionais. A vida em sociedade é repleta de classificações e catalogações de grupos de indivíduos, assim a representação se dá como forma de identificar e conceber uma concepção sólida acerca de algo idealizado, porém, uma vez que a solidificação e a propagação dessa identidade ocorrem de forma deturpada e carregada de preconceções, ocorre adulteração, e um perfil estigmatizado ocupa o sentido factual do caráter profissional.

O perfil profissional do bibliotecário gravita em torno de um amontoado de características negativas que dificilmente se romperão sem um trabalho ativo de divulgação e desmistificação, pois a estagnação do mesmo perante a sociedade tende a se solidificar cada vez mais, até porque o bibliotecário ainda é facilmente identificado nos meios de comunicação em programas de entretenimento, com as mesmas características consolidadas no curso da história e reproduzidas incessantemente como verídicas e “apesar dos notáveis avanços da profissão, o bibliotecário continua sendo identificado como um profissional neutro e distante das questões sociais, apenas com tarefas tradicionais, voltadas para a

organização de documentos” (LIMA, 2010, p. 14).

Do grego *Stereos* mais *Týpos*, a expressão “Estereótipo” significa “Impressão sólida” se referindo em questão à impressão de documentos, essa terminologia assim fazia alusão a objetos. Com o passar do tempo, nas áreas psicossociais, humanas, o sentido da expressão passa a referir-se a um punhado de pressupostos sobre determinados indivíduos, gerando generalizações comportamentais sobre os mesmos e em sua maioria são negativos “[...] pois serve para implantar separatismo entre os grupos sociais e, por fim, na concorrência entre estes, ocasiona depreciação e até discriminação” (MORENO; BASTOS, 2012, p. 2).

O peso dos estereótipos não são impostos exclusivamente a uma classe de profissionais, os mesmos circundam e ilham grupos de indivíduos com características semelhantes e nem mesmo os estereótipos menos abrasivos estão passíveis a neutralidade. Conforme Pereira (2011) sistemas de crenças socialmente compartilhadas a respeito de determinados entes, em geral membros de uma categoria social, que tem por referentes suposições sobre a homogeneidade grupal e sobre os padrões de comportamento comuns adotados pelos membros do grupo, cujos fundamentos são encontrados nas teorias implícitas a respeito dos fatores que determinam os padrões de conduta dos indivíduos avaliados mediante a aplicação de um julgamento categórico, usualmente, porém não exclusivamente, fundamentado em suposições sobre essências ou traços psicológicos, concebidos como intercambiáveis entre os membros do grupo ou categoria.

Outro exemplo da imagem do bibliotecário foi esse comentário feito na revista “Veja” em 06/09/2010 por Mendes (2010, p.132-133) “Eleita ou não neste domingo, a petista Dilma Rousseff teve de se render a essa realidade da exposição permanente e tratou de investir em uma repaginação que eliminasse resquícios do visual militante da juventude e do nada

lisonjeiro look “bibliotecária solteirona” quando ministra”.

Já é característica intrínseca a alguns indivíduos seus estigmas comportamentais e nesse aspecto o “Preconceito”, apesar de ter outras raízes e ser uma terminologia que merece um estudo mais amplo e minucioso, figura como aqui por ser uma terminologia macro ao qual o estereótipo participa, parte de seu percurso ideológico e teórico se cruzam, tornando por vezes difícil de desassociar características preconceituosas de características estereotipadas, um exemplo disso são os estereótipos raciais, especialmente comuns no Brasil.

Os estereótipos dividem-se em categorias diversas, demonstrando sua expansividade de catalogação social:

ESTEREÓTIPO DE GÊNERO: “Cuidar da casa é obrigação da mulher” e “Mulher no volante perigo constante”.

ESTEREÓTIPOS RACIAIS E ÉTNICOS: “Os mulçumanos são terroristas” e “Os alemães são nazistas”

ESTEREÓTIPOS SÓCIO-ECONÔMICOS: “Os mendigos são mendigos por opção” e “Todos os ricos são mesquinhos”

ESTEREÓTIPOS NO MEIO PROFISSIONAL: “Advogado de porta de cadeia” e “Bibliotecárias são senhoras de óculos” (INFOESCOLA, 2015)

A base da propagação dos estereótipos ocorre sob o desconhecimento de algo, reprodução da imagem representativa de algo e na opinião alheia, porém, algumas vezes ocorre motivado por uma experiência negativa, algo comum para a relação “Bibliotecário x Usuário” especialmente vivenciado por algumas crianças, partindo da biblioteca como zona de castigo e do bibliotecário como um (a) professor (a) remanejado. Os estereótipos criados em torno de algo tem grande ligação com a necessidade de rotular, separando e categorizando os grupos que possuem características semelhantes, no entanto a falta de conhecimento sobre um profissional que é intrínseco a informação, por parte de um determinado país, nos remete a deficiência informacional dessa nação. Diferentemente

da Europa, no Brasil o bibliotecário só passa a ser conhecido como um profissional a partir da metade do século 20. Contudo não podemos negar o viés elitista da biblioteconomia em sua chegada ao país, o caráter erudito e humanístico que o mesmo possuía na época era voltado para a elite da sociedade, o distanciando da maior parte da população.

Imaginando este quadro, é explicável porque os bibliotecários são quase obsessivos com a sua imagem. A figura do profissional da Biblioteconomia, que no imaginário popular resume-se à bibliotecária, é obviamente estereotipada ao extremo: Mulher de meia-idade, óculos, nem um pouco atraente, solteira, roupas longas, coque nos cabelos e uma insaciável capacidade de fazer “shiiiiiii” para os usuários mais barulhentos da biblioteca (BARROS, 2005, p. 5).

Com a implantação das mídias televisivas, que em suma, operam exclusivamente com imagens e representações, a propagação dos estereótipos foi difundida de forma mais ampla e fluída, pois há uma comodidade em absorver uma informação passada nos meios de comunicação, do que explorar e compreender de fato, assim, quando a imagem de um bibliotecário estereotipado é reproduzida, seja em um filme, novela ou comercial, é mais facilmente aceito como verdade.

2.1 A televisão, a criança e seu papel educacional

Os meios de comunicação se estabelecem em nossas vidas cada vez mais através de uma linguagem própria carregada de valores e concepções, atualmente a Televisão ganhou grande ênfase de estudiosos que se perguntam até que ponto ela determina algo no cotidiano das crianças, uma vez que desempenham o importante papel de transmitir informações na contemporaneidade. Portanto, devemos nos questionar mais sobre o conteúdo midiático, tendo em vista que “a comunicação não se refere somente à transmissão verbal, explícita e intencional de mensagens. [...] O conceito

de comunicação inclui todos esses processos por meio dos quais as pessoas influenciam outras pessoas” (RABAÇA; BARBOSA, 2002, p.156 apud LIMA 2010).

A criança é um ser social que se determina historicamente, na era da tecnologia, nos perguntamos até que ponto estes recursos transformam o modo da criança ver e conceituar o mundo a sua volta. Não é difícil detectar a intencionalidade por trás das telinhas, para tanto basta pensar em todos os recursos englobados nesta esfera, como o roteiro, cenografia, elenco, figurino, edição e sonorização, recursos estes que possuem técnicas de criar um elo com o receptor, conforme afirma Fischer (2002) os recursos são utilizados para penetrar na intimidade daquele que assiste do espectador. As programações intituladas “infantis” colocam as crianças em contato com situações e personagens do cotidiano com a qual ela se relaciona. São programações que favorece a aproximação e apropriação de conceitos ao transmitir muitas informações em um curto período de tempo e “direcionam-na a um ritmo de desenvolvimento que culminará na elaboração de conceitos próprios ao mesmo tempo em que a criança estará sujeita a reprodução do que é capaz de perceber e apreender.” (ANJOS; SOUSA, 2011. p.20).

A televisão tem uma participação interativa com seus receptores, desempenhando um papel “integrante e fundamental de complexos processos de veiculação e de produção de significações, de sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida.” afirma Fischer (2002, p. 154). Sua ação efetiva é responsável pela constituição do sujeito contemporâneo, a medida que este instrumento de comunicação – e alienação - utiliza e disponibiliza uma série de representações que contribui para a formação do imaginário social muitas vezes de forma deturpada.

Segundo Deleuze “O poder investe cada vez mais em nossa vida cotidiana, nossa interioridade e individualidade” (DELEUZE,

1991, p.112 apud FISHER, 2002, p. 156-157). Sendo assim, a TV, cria uma relação - não somente com as crianças, mas com todos os seus receptores – com as “tecnologias do eu”, termo usado por Fischer (2002, p. 157), que é o uso dos recursos linguísticos dos “dispositivos midiáticos pedagógicos” (outro termo definido pela autora) para desenvolver a aproximação e apropriação do receptor com o conteúdo. As linguagens contidas nos meios de comunicação são utilizadas cada vez mais para penetrar na vida dos seus receptores, portanto, fazem parte da esfera de recursos sociais e educacionais que orientam e determinam mudanças comportamentais diante dos

Efeitos que podem causar nas crianças a capacidade que a televisão tem de influenciar, ditar posturas, transmitir conhecimento, fornecer padrões e modelos de comportamento ao gerar um processo de identificação com o público infantil que pode fazer com que quaisquer mensagens midiáticas sejam apreendidas. (BOUTIN, 2006, p. 34).

Diante deste exposto, analisamos dois desenhos animados, por ser um dos gêneros da linguagem comunicacional que reproduz alguns estereótipos do bibliotecário, afirmando que a Tevê, pode ser também, um meio que causa “a diminuição da capacidade crítica, dificuldades para ordenar pensamentos, dispersão e surgimento de respostas estereotipadas” (LOBATO; MORAES; VANNUCHI, 2003 apud BOUTIN, 2006). Entretanto autores como Renata Boutin (2006, p. 33) discutem sobre os aspectos positivos da televisão, afirmando que.

É uma via dupla, pois muitas vezes, características que poderiam configurar-se como negativas, se bem trabalhadas, passam a se converter em aspectos positivos. Por exemplo, crianças que veem muita televisão têm melhores aptidões para construir conceitos de relações espaço-temporais, para compreender as relações entre o todo e suas partes e até para identificar os ângulos das “tomadas de imagens”, o que significa um reforço das faculdades de abstração.

Nessa interação do meio de comunicação com o receptor (à criança) ocorre à apropriação de valores, internalização de signos que estimulam o e transformam à área cerebral cognitiva, pois a interação é capaz de aproximar o “eu” receptor das narrativas e personagens expostos pelos desenhos animados.

2.2 Os desenhos animados como linguagem midiática e orientação cognitiva

O desenho animado é o gênero de linguagem midiática preferido das crianças e utilizados nos programas infantis de TV de todos os países, carregado de sequências de cenas simples, dedutivas e intuitivas que desempenham um papel importante no processo de interação com o receptor. Assim, as referências contidas nessa linguagem, influenciam e orientam o desenvolvimento cognitivo.

Quando entendemos que a atividade enunciativa está, portanto ligada ao meio, percebemos que não raro, a mídia utiliza a linguagem e a cultura para legitimar os discursos que difunde. Assim, surge o alerta para o conteúdo das mensagens difundidas pelos meios uma vez que estão construídas sob o alicerce de repertórios, apreensões e interesses de seus interlocutores. (ANJOS; SOUSA, 2011, p. 59).

Esse gênero cria uma mediação do sujeito com variados objetos, situações e “outros” que produzem modos de ser e manipulam os nossos sentidos através de imagens que expressam ideias preconcebidas de algo ou alguém, modificando nossa forma de enxergar.

Este turbilhão de imagens que preenche o cotidiano das crianças e adolescentes vai formando sua personalidade ao mesmo tempo (mas provavelmente não da mesma forma) que suas experiências do mundo exterior, real, concreto. É importante lembrar que a televisão é um objeto técnico absolutamente integrado ao cotidiano das crianças que com ela interagem “naturalmente” da mesma forma como elas interagem com o gatinho ou com seus brinquedos. Esta presença constante de imagens fictícias, que ocupam partes cada

vez maiores do tempo livre das crianças, rouba-lhes (ocupando-o) o tempo da não-escola, dedicado ao brincar e à imaginação, à vida social cheia de experiências interativas com seus pares e com os adultos (BELLONI, 2001, p.65 apud BOUTIN, 2006, p. 31).

Obviamente, apesar de todas as pesquisas voltadas para o estudo das influências dos meios de comunicações e relacionadas aos seus gêneros de linguagem, “não se pode afirmar que as crianças recebem conteúdo televisivo sem pensar e refletir sobre eles”, afirma Boutin. Contudo assim como os pais acompanham a rotina de seus filhos nas escolas, eles devem acompanhar a rotina e interação que estes desenvolvem com os meios televisivos, onde os desenhos animados estão presentes como uma segunda escola que também ensina e manipula, exercendo função pedagógica, enxergando esse processo, como algo que causa dependência, principalmente, quando este é substituído por brinquedos e brincadeiras. Segundo Bianca Lima (2010), cabe aos pais e responsáveis colocarem limites, pois.

[...] crianças usam a TV como uma das fontes de onde extraem material para organizar e interpretar suas experiências vividas, só que essa fonte tem uma energia tremenda. É aí que devemos entrar como professores e pais responsáveis: já que fornecemos critérios para roupa, comida, caráter, então por que não para uso dos meios de comunicação? (TÁVOLA, 2009, p.48 apud LIMA, 2010, p. 26)

Principalmente para ajudá-los a ter um conhecimento mais amplo dos símbolos, signos impostos a eles e situá-los em contextos sócio- culturais e econômicos que definem a sociedade em que vivemos e as relações de poder e transmissão de informação, já que a TV cria um processo paradoxal de inclusão e exclusão.

3 O PERFIL BIBLIOTECÁRIO NAS ANIMAÇÕES: EM FOCO “UNIVERSIDADE MONSTRO” E “KICK BUTTOWSKI: UM PROJETO DE DUBLÊ”

Os desenhos animados são transmissores diretos de informações visuais e auditivas e sua presença em plena atividade em um momento essencial da vida dos indivíduos, a infância, desempenha papel resvaladiço, pois ainda que os mesmos sejam assistidos por pessoas de diferentes idades, a exposição de indivíduos com faculdades intelectuais em desenvolvimento é temerária. É durante essa fase da vida em que ocorre a identificação de simbologias e conceitos, assim o desenvolvimento intelectual esta em formação e a reprodução integral da representação visual do bibliotecário são assimiladas de forma errática, transferindo para o telespectador a concepção de que a classe bibliotecária é de fato constituída de pessoas com características enfadonhas e obsoletas com a qual no deparamos. O filme longa metragem de animação da Disney Company “Universidade Monstro” lançado em 2013, trata-se de uma sequencia do filme “Monstros S.A” de 2001, que retrata a vida, o trabalho e as aventuras vividas por um grupo de personagens em um universo ficcional, paralelo ao mundo em que vivemos e habitado inteiramente por monstros. O filme original que intencionava mostrar os personagens principais Michael "Mike" Wazowski e James P. "Sulley" Sullivan e as confusões ocasionadas pelo envolvimento do seu mundo com o mundo dos humanos fez tanto sucesso que posteriormente foi feito uma “Prequela”, palavra não dicionarizada em português, do termo inglês “Prequel” referindo-se a uma continuação artística mostrando eventos prévios ocorridos no mesmo universo fictício de uma obra. Na sequência o filme objetiva mostrar os personagens em eventos anteriores ao primeiro filme, suas vidas na universidade, onde estudam para se tornarem monstros de susto, ou seja, monstros que assustam crianças humanas. No viés que segue a estória, se estabelecem uma série de provas em uma competição que visa passar por várias etapas eliminatórias e entre estas nos defrontamos em determinadas momento com a figura da Bibliotecária da Universidade, estabelecida como uma das etapas a serem

enfrentadas devido a suas características colossais e execráveis, mesmo entre a categoria monstro. O que fica perniciosamente evidente em tela, no entanto, não são suas características amorfas, uma vez que se trata de um universo onde até então os monstros são o padrão natural de seres habitantes, mas a reprodução das características estereotipadas já naturalizadas sobre a classe bibliotecária. Em um episódio do desenho em questão, intencionava-se a captura de uma bandeira em um local estratégico da biblioteca, evitando, no entanto, ser capturado pela bibliotecária colossal que atira para fora da biblioteca qualquer um que ousar fazer barulho. A bibliotecária em foco nos fornece então as características, gênero feminino, idade avançada, óculos, coque de cabelo e exigindo, acima de tudo, o silencio absoluto na biblioteca, com o eterno dedo em riste simbolizando o silêncio.

A bibliotecária retratada no filme teve sua participação limitada a uma cena em trono de três minutos apenas, porém a mensagem passada para o público por essa representação, assim como as mazelas que desencadeiam com a informação aparente, se estabelece de forma qualitativa e não quantitativa bastando uma reprodução imagética para a perpetuação do estereótipo vigente.

Outra reprodução midiática da representação da classe bibliotecária a ser analisada é um episódio da série televisiva de animação “Kick Buttowski: um projeto de dublê” também pertencente a Disney Company, essa representação gráfica animada se caracteriza por mostrar o dia a dia de Clarence Francis "Kick" Buttowski, um garoto aventureiro que possui como meta de vida se tornar um dublê de manobras radicais, não obstante a grande popularidade da animação entre o público infantil e infanto-juvenil este talvez seja ainda mais apelativo e representativo, uma vez que o personagem central que leva o nome da série é uma criança comum, cheia de características familiares ao público havendo assim uma

associação com as ações corriqueiras naturalizadas na série.

A série é dividida em duas seções por episódio em torno de onze minutos cada, em um dos episódios da primeira temporada, intitulado "Se Livros Matassem", o enredo gira em torno da tentativa de recuperar um livro pessoal do protagonista que por engano foi devolvido à biblioteca, o grande obstáculo dessa empreitada fica por conta da bibliotecária que de acordo com um dos personagens é "do mal" e nunca devolve o que pega, inexoravelmente conferindo o papel de guardiã com características rigorosas e maléficas. Após essa descrição verbal acerca da personalidade da mesma, a bibliotecária aparece com o exaustivo visual de senhora de idade avançada, cabelos grisalhos e óculos. Outras características dadas à personagem são tipicamente conferidas a personagens de bruxas como a risada característica. A aventura pela recuperação do livro leva a uma batalha dentro da biblioteca entre o Kick Buttowski e a bibliotecária, a possessão com o ambiente da biblioteca também está presente, levando a bibliotecária a mencionar que tudo que esta dentro da biblioteca pertence a ela, chegando inclusive a impedir a entrada na biblioteca. Essa característica de possessão é algo que flerta entre a realidade e o estereótipo, uma vez que na literatura científica acerca de Imagem e Representação do bibliotecário, é facilmente encontrado críticas de autores que afirmam que essa peculiaridade.

Está na mentalidade retrógrada de um grande número de bibliotecários, que se apresentam como pequenas autoridades: donas dos espaços públicos; reprodutoras cegas de normas esclerosadas; escravas das fichas de catalogação e de sistemas fechados de consulta; seguidoras servis dos códigos (e não dos caminhos concretos da vida); zumbis de espaços compartimentalizados; marionetes alienadas que só funcionam ao toque da burocracia, incapazes de sair dos enferrujados trilhos do tecnicismo; débeis vivendo atrás das barreiras dos seus balcões; seres desacostumados ao diálogo; cópias carbono dos totens autoritários e tocadores da mesmice, cujo único desafio na vida é saber

quando vai sair a aposentadoria para que continuem a fazer nada do nada que sempre fizeram (SILVA, 1991, p. 99)

Em outro episódio da mesma série intitulado, "Shh!" cujo nome tem relação direta ao hábito de silenciar conferida a classe, a bibliotecária surge novamente carregada de estigmas, nesse episódio em questão ela dorme a maior parte do tempo, característica atribuída ao profissional tido como obsoleto em um ambiente tedioso e inóspito e em alguns momentos em que a bibliotecária aparece, alguns personagens, frequentadores da biblioteca, acusam-na de torturas como tentar transformar um usuário em marcador de livro ou torturas com armas de raio laser devido a devolução do livro com atraso, em ambas as ocasiões ficou claro que era apenas a imaginação dos estudantes, mostrando assim a imagem que a bibliotecária retém.

Com o passar dos tempos o estereótipo profissional do bibliotecário navegou no imaginário social de maneiras bem distintas. Hoje, praticamente estabilizou-se em uma imagem que não faz jus à sua capacidade profissional perante boa parte da sociedade. Essa ação quase que involuntária do ser humano permanece entranhada na sociedade. (OLIVEIRA 2010, p. 9).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como propósito discorrer a respeito dos estereótipos e da estagnação da imagem e representação do bibliotecário, vigente no cenário atual. Através do mesmo percebe-se que nem os avanços da profissão obtidos com o tempo, nem a progressão gradual de um perfil bibliotecário que se afasta do perfil engessado e erudito são suficientes para romper com a concepção reproduzida exaustivamente nos meios de comunicação. Ainda que a questão da imagem estereotipada do bibliotecário seja manente entre a sociedade atual, esforços devem ser empregados para que haja deterioração significativa no óbice que mantem a representação da classe bibliotecária estagnada no panorama social hodierno. As

mudanças na atitude deste profissional e a dinamização efetiva do modo de pensar e se apresentar estão em fluxo contínuo, no entanto ocorre de forma lenta, e necessita de um contingente maior quando se trata da disposição e exposição de seu trabalho. Há a necessidade de divulgação nos diversos setores nos quais o bibliotecário atua, uma vez que a natureza interdisciplinar e o vasto campo de atuação o colocam em contato direto com diversas áreas do conhecimento e o fazem um agente de mudanças, mudanças estas necessárias para favorecer o desenvolvimento socioeducativo do país. O trabalho do profissional deve ambicionar a desconstrução dos estigmas para que haja

futuramente o cessar da propagação em massa a uma nova geração, auxiliando na formação de usuários. Deve-se encarar a questão da imagem do bibliotecário com seriedade, pois não obstante a fama negativa que o profissional possui o risco de perduração sem margem de remate é persistente, pois a reprodução para indivíduos que não possuem uma fundamentação intelectual formada reitera os fatigantes estigmas para uma nova geração que tende a reproduzir e disseminar o equívoco pré-estabelecido em um círculo vicioso constante na perpetuação de características espúrias.

THE LIBRARIAN AND REPRODUCTION OF STEREOTYPES IN CARTOON.

Abstract: *The relations between librarians and society directly influence the relationship that will be established between users of a unit of information and the informational professional aforementioned, thus leading this professional to get an image and representation defined in the consciousness of the population. Considering that, the popular imagination confers a setback misrepresented when it comes to the actual role of the librarian. In this study, we analyze and discuss about the reproduction of stereotypes given to these professionals in cartoons. The study was conducted through two cartoon analysis, the feature film "Monsters University" and an episode of the animated "Kick Buttowski: Suburban Daredevil", both from the great mass dissemination company The Walt Disney Company. Reflecting on the construction made up on the pre conception of the Librarian work and its characteristics, and how they can stagnate the Professional profile and negatively affect social bias of the librarian profession. The research is characterized as literature review, addressing different views of some authors. We conclude that the librarian needs to engage in demystifying its image in society and especially in the imaginary built in pedagogical training of children who absorb misinformation and reproduce stereotypical view of this professional.*

Keywords: *Librarian. Stereotypes. Image. Social representation. Cartoons.*

REFERÊNCIAS

- ANJOS, S. R. A.; SOUSA, T. G. S. **Educomunicação e intervenção social:** análise das práticas educacionais do Programa Mais Educação. 2011. 23 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) – Faculdade São Luís, São Luís, 2011.
- BOUTIN, R. **Os aspectos pedagógicos dos desenhos animado infantil Bob Esponja.** 2006. 104 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo (Unesp), São Bernardo do Campo, 2006.
- FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v, 28, n. 1, p. 151 – 162, jan/jun. 2002.
- FRAGA, N. E. B.; MATTOS, C. E.; CASSA, G. A. O marketing profissional e suas interfaces: a valorização do bibliotecário em questão. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 13, n. 2, maio/ago. 2008.
- KICK BUTTOWSKI:** um projeto de dublê. Direção: SAVINO, Chris; COHEN, Sherm; MORROW, Clay. Estados Unidos da America: Walt Disney Television Animation, 2010-2012.

LIMA, B. R. **A Influência da mídia no comportamento infantil**. 2010. 41 p. Monografia (Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo) - Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas - FATECS - Centro Universitário de Brasília (UnICEUB), Brasília, 2010.

MARTINEZ, M. Estereótipo. **Infoescola.com**, copyright (2006-2015). Disponível em: <<http://www.infoescola.com/sociologia/estereotipo/>>. Acesso em: 29 nov. 2015.

MENDES, M. Vestida para mandar. **Veja**, São Paulo, p. 132-133, 2010.

MILANESI, L. Biblioteca. Cotia: Editorial Ateliê, 2002.

MORENO, J.; BASTOS, L. O estereótipo do bibliotecário no cinema. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 15., 2012, Alagoas. **Anais...** Alagoas: UFAL, 2012.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, A. B. **Considerações acerca do estereótipo dos bibliotecários: apontando mudanças de atitude do profissional frente à sociedade contemporânea**. 2010. 84 f. Natal: UFRN, 2010. 84 p. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

OLIVEIRA, Z. C. P. **O bibliotecário e sua autoimagem**. São Paulo: Liv. Pioneira Ed., 1983.

PEREIRA, M. E. **Entre as Teorias Implícitas e a Entitatividade: uma nova definição para os estereótipos**. 2011.

PEREIRA, M. E.; MODESTO, J. G.; MATOS, M. D. Em direção a uma nova definição de estereótipos: teste empírico do modelo num primeiro cenário experimental. **Psicologia e Saber Social**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 201-220, 2012.

SILVA, E. T. Bibliotecas públicas e escolares face à estrutura e conjuntura nacionais. In: _____. **De olhos abertos**. São Paulo: Ática, 1991. p. 99.

UNIVERSIDADE monstro. Direção: Dan Scanlon. Produção: Kori Rae, p.g.a. Estados Unidos da America: Pixar Animation Studios, 2013.